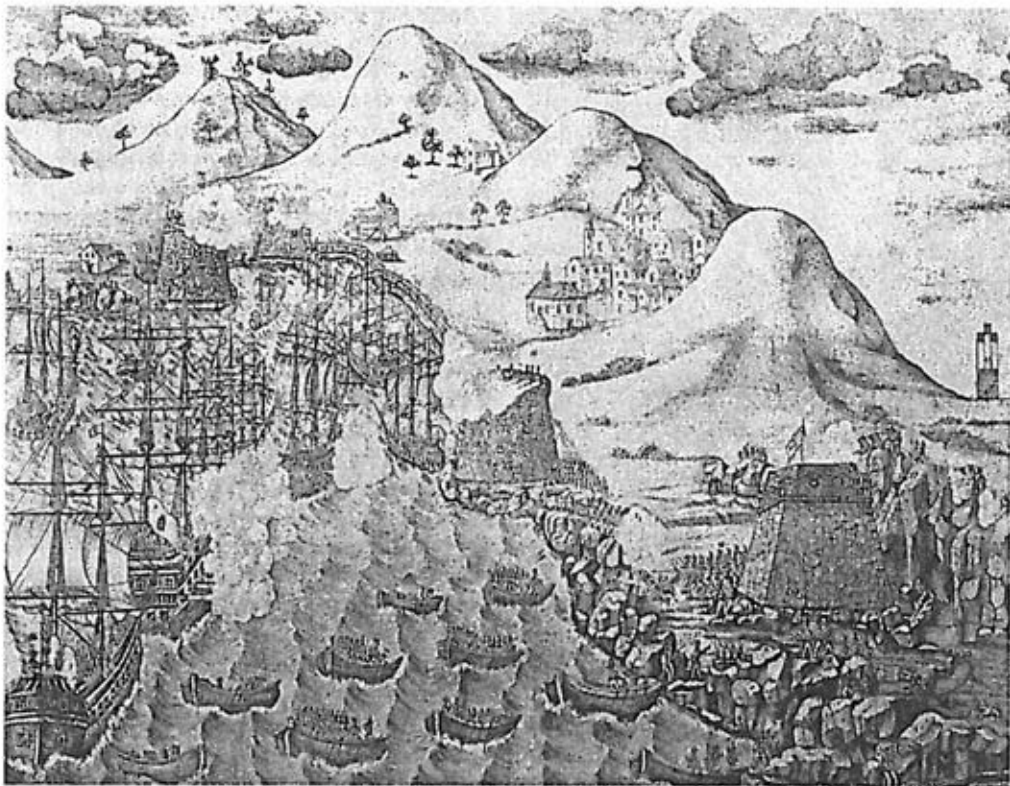


*A História de Portugal
passou verdadeiramente pela baía da Praia*

Baía de Vitória no Lugar da Praia



(imagem retirada de http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_da_Praia_da_Vit%C3%B3ria)

«Uma terra qualquer, vila ou cidade, é aquilo que o tempo depositou no seu âmago e que a nossa memória afundada assimilou e carrega. (...) O tempo roda enquanto as cidades ficam. Outras desaparecem ou ressurgem. A Praia da Vitória é dessas.»

Vitorino Nemésio *in Corsário das Ilhas*

ISABEL M^{te}. Coelho de SILVA

O lugar da Praia, disposto na extremidade de uma extensa zona aplanada designada por *graben* das Lajes, situado entre as escarpas de Santiago e das Fontinhas, cedo revelou ser uma terra promissora de riquezas. Em pleno século XV, ainda no tempo de Jácome de Bruges, o seu fundador e primeiro Capitão do Donatário, as suas terras férteis foram transformadas em campos de trigo e de pastel, impulsionando o crescimento do povoado praiense e a própria economia da ilha na época. Criado o concelho da Praia, em 1480, já sob o comando de Álvaro Martins Homem, segundo Capitão do Donatário, a vila da Praia estava destinada a marcar, económica e estrategicamente, o seu lugar na História da nação portuguesa e quiçá do mundo. Derrubada por duas grandes crises sísmicas, a de 1614 e a de 1841, a vila da Praia, por duas vezes, reergueu-se dos escombros para ser elevada a cidade a vinte de Junho de 1981 porque os praienses, ou «praianas» como jocosamente os intitulavam na ilha, sempre se agarraram ao «lugar da Praia» com a mesma força telúrica que vem das entranhas da Terra. Para Vitorino Nemésio, um dos ilustres filhos da terra, «dizer-se – *gente da Praia* – era um modo de pôr a distância, talvez, mas também de respeitar qualquer coisa de antigo e de rústico que lá vibra.»¹

Não nasci na Praia da Vitória porque as dores de parto de minha mãe se fizeram sentir a sul da ilha Terceira, onde vim ao mundo. Contudo, foi na Praia que descobri o sabor da vida, mergulhando nas tédidas águas da sua baía, percorrendo o seu extenso areal e passeando pelas suas pitorescas ruas acompanhada pela frescura da brisa do mar e o alegre tinir das badaladas cadenciadas das suas torres sineiras. Nos dias de entardecer morno, contemplava a ampla e tranquila baía da Praia e imaginava histórias de defensores do Reino aclamados reis de Portugal, na então Vila da Praia, e de batalhas entre apoiantes das causas Liberal e Absolutista que lhe outorgaram o cognome de Vitória. De quando em vez, entrecortando os pensamentos, ressoavam os motores de um ou doutro avião civil ou militar, sobrevoando a baía da Praia, ou zoava o som rouco de um barco de pesca que chegava ou partia para a faina acompanhado pelos gritos das gaivotas que vinham ao cheiro de peixe. Tudo isto emoldurava a Praia que permanece inalterável na sua beleza e encanto de vila menina, hoje cidade mulher.

O seu extenso areal, distinto das linhas de costa açorianas essencialmente marcadas por escarpas e zonas de calhau, bem como a sua imensa e recortada baía, protegida por serras propícias a ardis militares de defesa e de ataque, atribuem à cidade da Praia uma paisagem única, conferindo-lhe, no passado, o palco da histórica batalha da baía da Praia, impulsionadora do espírito vencedor dos liberais por toda a nação e da implantação definitiva do liberalismo em Portugal. O dia onze de Agosto de 1829 ditaria para sempre a Praia da Vitória como «Baluarte da Liberdade» a nível nacional e símbolo do orgulho e tenacidade dos praienses.

Ao amanhecer do dia onze de Agosto do ano de 1829, o tempo parecia portador de desgraças com nevoeiros soturnos, chuvas invernosas e rajadas de vento aguçadas vindas de oeste. Os praienses pressentiam que as águas da sua baía se agitavam em agonias de morte e, instintivamente, prepararam-se para defender a sua causa e as suas vidas. No horizonte

¹ Nemésio, Vitorino. 1956. *Corsário das Ilhas*. Lisboa, Livraria Bertrand, p. 135.

surgiram cerca de vinte embarcações que, ameaçadoras, se dirigiam para a costa. Em terra, os homens leais à causa liberal e à legítima soberana portuguesa dispunham-se ao longo de cerca de uma dezena de pequenos fortes erguidos para defesa daquela parte da costa da ilha. O poderio militar dos apoiantes de D. Miguel e da causa absolutista suplantava em homens e artilharia os defensores da causa liberal mal apetrechados. Protegidas as mulheres e as crianças e refugiados os velhos, os doentes e os cobardes, eram os homens saudáveis e destemidos que se enfileiravam à espera do confronto.

Iniciou-se a batalha com a descarga de pesado fogo de artilharia sobre os fortes como uma luta de titãs contra comuns mortais. Estes resistiam como podiam, enquanto as crianças choravam e as mulheres acendiam velas, implorando por protecção divina. Quatro horas de espera e de angústia arrastaram-se penosamente. O vento predominante de oeste fustigava as embarcações, arrastando-os pela baía dentro. Aproximavam-se da Vila da Praia, intentado um desembarque e depois outro, sendo ambos repelidos. A angústia e o impasse prolongaram-se ao longo daquele dia. Derrubados pelo desânimo e frustrados pelos sucessivos erros de estratégia militar, os apoiantes de D. Miguel abandonaram a baía, deixando alguns dos seus mortos e feridos para trás. Era tempo de tratar os feridos, sepultar os mortos e encarcerar os invasores aprisionados. As imaculadas águas da baía acalmavam finalmente o seu estertor, ecoando pela Praia apenas alguns clamores de angústia ofuscados pelos muitos e sonoros gritos de vitória. Vitória passaria a ser, então, o sobrenome da *Mui Notável Vila da Praia*, atribuído, por carta régia, em 1837, pela rainha D. Maria II como reconhecimento pela vitória da causa liberal na batalha da Baía da Praia.

A Praia da Vitória, sensualmente espaiada perante o oceano Atlântico, escoltada pelas guardiãs serras de Santiago e do Cume e assente sobre os seus singulares paus, partilhados por aves residentes, transviadas ou em nidificação, sede da capitania da Terceira nos primeiros anos do povoamento da ilha, por duas vezes «caída» e reerguida dos seus escombros, actual ponto geoestratégico militar à escala mundial, porto oceânico e centro industrial da ilha, permanece orgulhosa e a crescer sempre mais, impondo-se como porta de entrada na ilha Terceira quer pelo ar quer pelo mar. Apresenta-se como terra promissora de progresso, assim visionada pelos primeiros povoadores que se instalaram no primitivo lugar da Praia.

Vitória do Lugar da Praia